

FRONTEIRAS EM MOVIMENTO: IDENTIDADES, HIBRIDISMO E REPRESENTAÇÃO NA PERSONAGEM MS. MARVEL

Borders in motion: identities, hybridism and representation in the character Ms. Marvel

Mover las fronteras: la identidad, la hibridación y la representación en el carácter Ms. Marvel

Ramon Vitor de Souza

Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Graduado em Comunicação Social, Jornalismo, pela mesma instituição.

E-mail: ramonvitorf@gmail.com

Geilson Fernandes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutorando em Estudos da Mídia.

E-mail: geilson_fernandes@hotmail.com

Marcília Luzia Gomes de Costa Mendes

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Docente e pesquisadora..

E-mail: marciliamendes@uol.com.br

Resumo

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que considera a cultura da mídia como um ambiente de disputas entre as identidades hegemônicas e as identidades dissidentes, buscamos compreender como as identidades culturais se manifestam e são representadas nas histórias em quadrinhos de super-heróis, considerando-se os sistemas políticos de reconhecimento e exclusão da diferença. Como foco de análise, visamos identificar na figura de Kamala Khan, a super-heroína conhecida como Ms. Marvel, o papel das identidades árabes nos quadrinhos de superaventura.

Palavras-chave: Identidades culturais. Histórias em quadrinhos. Ms. Marvel. Kamala Khan. Hibridismo.

Abstract

From the perspective of Cultural Studies, which considers media culture as an environment of disputes between hegemonic identities and dissident identities, we seek to understand how cultural identities manifest themselves and are represented in superhero comic books. Political systems of recognition and exclusion of difference. As a focus of analysis, we aimed to identify in the figure of Kamala Khan, the super heroine known as Ms. Marvel, the role of Arab identities in superadventure comics.

Key words: Cultural identities. Comics. Ms. Marvel. Kamala Khan. Hybridism.

Resumen

Desde la perspectiva de los Estudios Culturales, que considera la cultura de los medios como un entorno de controversias entre las identidades hegemónicas e identidades disidentes, hemos tratado de entender cómo las identidades culturales se manifiestan y están representados en las historias de los cómics de superhéroes, teniendo en cuenta Si los sistemas políticos de reconocimiento y la exclusión de la diferencia. Como foco de análisis, nuestro objetivo es identificar la figura de Kamala Khan, la superheroína conocida como Ms. Marvel, el papel de las identidades árabes en superaventura cómic.

Palabras-clave: Las identidades culturales. Cómics. Ms. Marvel. Kamala Khan. La hibridación.

Introdução

Devido a sua natureza geralmente comercial, as histórias em quadrinhos de super-heróis têm ao longo das últimas décadas se diversificado no que se refere às representações de identidade cultural, direcionando-se a um público cada vez mais abrangente. Desde o *Superman* de 1938 – branco, alto, olhos claros, alienígena e mesmo assim eminentemente norte-americano – muito mudou na composição desses personagens.

Desde a sua criação na década de 1930, os super-heróis têm auxiliado na construção de identidades e na transmissão de normas morais. Como produto da cultura midiática, a figura do super-herói emerge como uma das mais relevantes representações da cultura pop norte-americana, sendo por isso constantemente adaptada e reapresentada nas mais variadas mídias, tornando-se assim interesse frequente de pesquisas nas Ciências sociais e humanas.

Em um contexto industrial, focado no livre comércio de produções culturais, a necessidade de atingir um público cada vez mais amplo e heterogêneo, como o público do mundo pós-colonial do contemporâneo, tem aproximado esses personagens da multiculturalidade do real, o que pode tanto auxiliar numa maior noção e compreensão do diferente quanto na disseminação de estereótipos que em nada refletem a real variedade humana – já que esses personagens são majoritariamente criados e produzidos nos EUA, a partir de uma visão em geral norte-americana e caucasiana do estrangeiro e do diferente. É nesse sentido que procuramos, neste trabalho, analisar a recente construção de personagens árabes no universo dos super-heróis.

Uma personagem que teve sua origem recentemente adaptada para representar uma identidade árabe foi a *Miss Marvel*, super-heroína da *Marvel Comics*. *Kamala Khan* foi criada em 2013 para assumir o legado de *Carol Danvers*, uma das mais lucrativas personagens femininas da editora. Diferente de *Carol Danvers*, a nova *Miss Marvel* não se caracteriza como a típica super-heroína hipersexualizada de roupas provocantes. *Kamala* é uma americana de origem paquistanesa que precisa conciliar sua cultura de origem com sua cultura de destino.

O arco de origem da personagem é focado principalmente em sua relação dúbia e contraditória com duas versões

de si mesma. A versão que ela apresenta em casa, no convívio com a família, é a paquistanesa, centrada nos costumes e dogmas do Islã. Já na escola, tentando melhor se enquadrar nos grupos de amigos, é a versão mais americanizada de si que apresenta, buscando se sentir incluída e aceita pelos valores e hábitos da adolescência típica dos estereótipos hollywoodianos. Nesse sentido, *Kamala* encarna na sua construção as contradições das identidades fragmentadas do contemporâneo.

Tomando o hibridismo como um dos nossos conceitos centrais, analisamos o primeiro arco da revista mensal da personagem, que corresponde ao período que vai de Fevereiro a Junho de 2014, identificando de que modo *Kamala Khan* concilia em seu corpo híbrido as contradições culturais de sua situação de diáspora.

Para tanto, utilizamos como método a análise do discurso (AD) em sua vertente francesa, procedendo a uma descrição e interpretação do nosso *corpus*, buscando uma compreensão do discurso da HQ citada a partir de sua relação com o contexto histórico e social em que se insere, bem como visando compreender quais as condições de possibilidades deste discurso.

Kamala Khan: Uma outra super-heroína americana

A personagem que compõe especificamente nosso objeto empírico de análise, *Kamala Khan*, da editora norte-americana *Marvel Comics*, foi criada em 2013 para assumir o legado de *Carol Danvers*, como a super-heroína *Miss Marvel*, uma das mais lucrativas personagens femininas da editora.

O arco de origem da nova *Miss Marvel* se foca, sobretudo, no caráter híbrido do sujeito diaspórico contemporâneo. *Kamala Khan*, uma adolescente americana de origem paquistanesa, precisa conciliar em seu corpo, em seus hábitos e em suas subjetividades as diversas contradições entre sua cultura de origem (Oriente) e sua cultura de destino (Ocidente). De modo que *Kamala*, como representação axiológica dos valores inerentes às novas configurações norte-americanas, encarna em toda sua construção a fragmentação e fluidez das identidades do contemporâneo.

Criada por Sana Amanat, com contribuições de Stephen Wacker, G. Willow Wilson e Adrian Alphona, *Kamala* é a pri-

meira super-heroína muçulmana a conquistar espaço e relevância entre os títulos da *Marvel Comics*, acolhida pelo público e pela crítica, a revista protagonizada pela personagem recebeu, em 2015, o prêmio *Hugo Awards*¹.

Na ficção, *Kamala Khan* é uma adolescente relativamente introvertida, nem sempre segura em relação ao próprio corpo ou às suas características étnicas bem definidas na cor de sua pele, de seus cabelos e no formato de seu rosto. Fascinada pelos super-heróis que povoam o universo que dá lugar a suas histórias, sobretudo, *Carol Danvers*, a *Capitã Marvel*, *Kamala* passa boa parte de seu tempo livre online, em fóruns de discussão sobre os heróis e escrevendo as chamadas *fanfictions*, que são histórias de ficção imaginadas por fãs a respeito de seus ídolos.

Kamala vê em *Carol Danvers*, uma norte-americana caucasiana, loira e de porte idealizado, o padrão de um corpo correto e adequado. A garota mais popular da escola, que trata a diversidade de *Kamala* com piedade e condescendência, *Zoe Zimmer*, assume um arquétipo semelhante, inflando progressivamente as incertezas de *Kamala* em relação às ambiguidades de sua identidade e de seu próprio corpo. De modo que, tanto *Zoe Zimmer* quanto seu namorado (igualmente loiro, branco e popular), representarão na trama arquétipos demarcadamente orientalistas, no sentido tratado por Said (2003), isto é, percepções construídas no Ocidente que são atravessadas por estereótipos em relação ao mundo Oriental.

Diante dessa realidade polarizada e conflitante, *Kamala* foge de casa, certa noite, para participar de uma festa com colegas de escola, desobedecendo às ordens de seus pais. Ao deixar a festa, ela é atingida por uma estranha e misteriosa névoa que provoca tontura, desmaio e, por fim, uma série de alucinações, nas quais a *Capitã Marvel*, o *Capitão América* e o *Homem de Ferro* recitam poesia em *urdu*, idioma nacional do Paquistão. Após esse incidente, *Kamala* acorda com superpoderes.

Na história da revista, ao despertar para a sua condição, *Kamala* adquire a capacidade de metamorfosear e curar o próprio corpo. Inconscientemente afetada pela necessidade de

se integrar e se aceitar, *Kamala* usa seus poderes, a princípio, para transformar seu corpo, sua feições, seus cabelos e sua cor de pele, tornando-se caucasiana e loira para melhor corresponder ao ideal ocidental de um corpo belo e imitar a *Capitã Marvel*, sua super-heroína favorita.

Fronteiras em movimento: identidades, hibridismo e representação

Apesar das identidades hegemônicas ainda ocuparem espaços privilegiados, contra essas tendências de homogeneização e no rastro dos movimentos sociais pelos direitos e pela visibilidade das classes dissidentes, podemos constatar, segundo Hall (2011b), uma proliferação subalterna da diferença. Na contramão das imposições do homem branco ocidental, outras identidades deverão se manifestar na contemporaneidade. É de acordo com essa perspectiva que pretendemos pensar o potencial dos super-heróis para a representação de identidades culturais cada vez mais complexas.

Convencionalmente, nas histórias em quadrinhos, a identidade hegemônica de super-heróis tem a ver com a representação do corpo jovem e saudável, masculino e militarizado, branco e norte-americano. Contudo, a identidade em expansão (HALL, 2011a) precisa lidar com nacionalidades muito além de terras e fronteiras, precisa lidar com as questões raciais e étnicas num mundo progressivamente mais global. A nacionalidade como um ideal de identidade puro se torna, portanto, um conceito desconfortável na prática.

O tema principal das edições da revista *Ms. Marvel*, da *Marvel Comics*, aqui analisadas aponta para os dilemas de compreensão do próprio corpo e da própria identidade com os quais o sujeito em situação de diáspora, cujo pertencimento permanece em perpétua contradição, precisa lidar na elaboração de sua representação cultural. Essa problemática em torno do hibridismo foca na conciliação de divergências no interior dos sujeitos fragmentados do contemporâneo, na conciliação contínua de contradições culturais, contradições no corpo, nos hábitos e, principalmente, nos discursos.

Já nos quadros iniciais (Figura 1) da revista *Ms. Marvel* #1, somos apresentados a uma *Kamala Khan* vacilante. Esse é nosso primeiro contato com a personagem principal, e sua insegurança identitária é imediatamente exposta, estabelecendo a temática do hibridismo de maneira bem demarcada. Na

1 O Hugo Awards é uma premiação norte-americana que reconhece os esforços das produções de Fantasia e Ficção científica. O troféu, que é distribuído anualmente desde 1953, tem esse nome em homenagem a Hugo Gernsback, fundador da revista *Amazing Stories*, focada em trabalhos de ficção científica.

cena, *Kamala* aparece na companhia de seus dois melhores amigos, *Bruno* e *Nakia*. Ao redor, signos de uma cultura industrializada e expressamente capitalista, voltada ao *fast-food*, evidenciam-se no padrão repetitivo dos produtos exibidos nas prateleiras e nos ingredientes dos sanduíches em destaque no expositor.

O traço do desenhista Adrian Alphona, não deixa dúvidas que a protagonista, no centro do quadro, é etnicamente diversa. Diante de uma vitrine de sanduíches, *Kamala* cobiça o sabor do bacon, insegura entre sua satisfação e as restrições alimentares propostas por sua religião. O sanduíche de bacon, tão comumente consumido nos EUA, representa, portanto, as condições de normalidade do cotidiano ocidental, em desacordo com a recusa muçulmana pela carne de porco.

Se o sanduíche – e a promessa de saciedade e prazer associados ao seu consumo – aparece como a parte ocidental do dilema, é a voz de *Nakia*, de ascendência turca, que fala pelos princípios orientais de *Kamala*, por sua identidade de origem e pela conservação de seus costumes e religião. No contexto do pós-colonial, esses conflitos e contradições no

interior das identidades e de suas representações configuram os discursos e as realidades dos sujeitos. Como apontado por Hall (2011b), é a partir do conflito e do reconhecimento da contradição que o ambiente de disputas, onde essas identidades fragmentadas e mal resolvidas se inserem, busca uma solução.

No quadro seguinte (Figura 2), *Bruno*, do outro lado do balcão, expõe a questão do hibridismo de maneira didática: “Ou come o bacon ou mantém seus princípios”, destacando a posição de *Kamala* entre culturas, no entre-lugar. Para Bhabha (2003), o enfrentamento é uma condição do entre-lugar que possibilita que as identidades periféricas afirmem sua cultura diante da predominância das identidades hegemônicas, não como uma reversão das hegemonias, mas num esforço de harmonização, infiltrando-se no discurso dominante. A política da diferença num sentido de negociação ao invés de subversão de um grupo pelo outro, num intuito de convergência e troca de valores, muitas vezes, antagônicos. *Kamala* não é exatamente norte-americana, também não é exatamente muçulmana, mas tem que lidar com as expectativas de ser as duas coisas.



Figura 1: Carne infiel. Fonte: Ms. Marvel #01, 2014, Marvel Comics.



Figura 2: O entre-lugar. Fonte: Ms. Marvel #01, 2014, Marvel Comics.

A posição de *Kamala* no entre-lugar se expressa tanto em seu posicionamento no quadro, entre *Nakia* e os sanduíches de bacon, quanto na composição de suas roupas, que trazem referências patentemente ocidentais. Embora sua etnicidade esteja expressa na cor de sua pele e de seus cabelos, e no formato característico de seu rosto e de seus olhos, no que concerne às suas vestimentas, *Kamala* não parece demarcar sua orientalidade, como podemos observar nas figuras 1, 2 e 3.

Se nos trajes de *Nakia*, o que se destaca é o uso do véu, carregado de signos de identificação com a cultura árabe, com o casaco de *Kamala*, que ressalta o símbolo da *Capitã Marvel*, sua heroína favorita, temos em evidência sua conexão devota com os super-heróis do universo *Marvel*, super-heróis norte-americanos.

Nesses primeiros quadros da revista fica explícito o tema que irá perpassar todas as cinco edições deste arco de origem da *Ms. Marvel* muçulmana: como conciliar culturas tão contraditórias em um mesmo corpo, uma mesma identidade?

A condição de um sujeito com identidade híbrida também pode ser observada na separação entre os espaços de ação da trama, isto é, como cada um desses espaços lida com as contradições identitárias inerentes à *Kamala*, que expec-

tativas culturais se impõem a partir deles e qual o significado da compartimentação narrativa desses lugares. A trama marca constantemente como opostos, por exemplo, o espaço familiar e o espaço escolar, o primeiro predominantemente associado à cultura de origem e o segundo predominantemente associado à cultura de destino.

A questão da diferença como parte constituinte do sujeito, no caso, da protagonista, passa a ser um dos principais eixos explorados pela narrativa e o sentido de sentir-se diferente, ou o outro, também se intensifica. De acordo com Bhabha (2003), essa reflexão acerca do outro oscila sempre numa dinâmica de medo e desejo, fobia e fetiche, o diferente tanto como exótico e complementar, como também envolto em signos de ameaça, tendo sua diversidade incompreensível como justificativa para a exclusão.

O que podemos observar é que a personagem *Kamala* trata-se de uma representação referente à proliferação subalterna da diferença, crescente nos meios midiáticos, aqui especificamente do universo de quadrinhos de super-heróis. Sobre essa manifestação das dissidências culturais no contexto da pós-colonialidade, Hall (2011b) aponta que



Figura 3: O Ocidente em suas roupas. Fonte: *Ms. Marvel* #01, 2014, Marvel Comics.

a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 2011b, p. 320, destaque do autor).

Como o autor deixa transparecer em sua fala, esses espaços de visibilidade são conquistados pela diferença através de um processo político que transita do real para o midiático, bem como do midiático para o real. São processos perpétuos de acordos e trocas geralmente não harmônicos, perpassados por conflitos de interesses de classe, de raça, de etnia e de nação. O árabe tem se apresentado como uma dissidência particularmente problemática na cultura midiática norte-americana, tendo que lidar tanto com temas voltados para terrorismo e guerra quanto para debates de inclusão e diferença.

No contexto contemporâneo, de uma diáspora que se generaliza auxiliada pelas capacidades de dispersão da cultura midiática, de uma visibilidade multicultural em franca expansão, de discursos de inclusão e diferença, o Ocidente parece novamente buscar uma representação de progresso, razoabilidade, de conjugação das diferenças.

Nesse sentido, com a dispersão das identidades e, consequentemente, a dispersão do signo nacional e do pertencimento, podemos observar reflexões e ressignificações do terrorismo, da guerra e da posição ocidental. O árabe já não se caracteriza mais como o vilão definitivo do imaginário norte-americano, novos desdobramentos geopolíticos chegam para condicionar as representações da identidade árabe nas histórias em quadrinhos de super-herói.

Todavia, como apontado por Hall (2011b), toda visibilidade conquistada pela dissidência é largamente policiada, perpassada por processos de regularização e hibridização.

Em um mundo de identidades fragmentadas e mal resol-

vidas, o hibridismo se sobressai como um conceito eficaz, já que a própria noção de identidade como uma entidade pura, rigidamente fixada pelo nascimento, tem cada vez menos espaço. É nas situações de disputa, de espaços e visibilidades em negociação, que o hibridismo se manifesta, fundindo identidades contraditórias. Conforme Bhabha (2003), o hibridismo é uma negociação entre as identidades marginais e as hegemônicas, incorporando tradições dissidentes à cultura que predomina em dado contexto social, de modo que se a visibilidade das representações divergentes era antes negada, no contemporâneo irão procurar se infiltrar no discurso dominante.

A dinâmica em casa (Figura 4), utiliza recursos similares para estabelecer a esfera privada como o espaço do diverso e da expressão de etnicidade. No espaço doméstico, as relações de *Kamala* se voltam mais evidentemente para os valores muçulmanos, o que pode ser observado pelo uso constante de palavras em *urdu* (principalmente expressões de tratamento), pelas orações proferidas frequentemente pelo seu irmão, *Aamir*, e pelas correções de sua mãe, sempre motivada a conservar as doutrinas muçulmanas apesar do novo ambiente cultural. No entanto, seu pai, assumindo um papel correspondente ao de *Nakia* no ambiente escolar, traz para a mesa de jantar, como na imagem abaixo, signos de integração: o uso de roupas ocidentalizadas – contrastando com as vestimentas mais conservadoras de seu filho – seu trabalho como bancário – assumido pelo filho como usura e, portanto, contrário aos preceitos do islã – e suas críticas ao que julga como um excesso de devoção religiosa por parte do filho.



Figura 4: A esfera do privado. Fonte: Ms. Marvel #01, 2014, Marvel Comics.

Esse contrabalanceamento explícito entre o ambiente público e o ambiente privado, simetricamente equivalentes, destaca novamente, como na situação entre *Nakia* e o sanduíche de bacon, o hibridismo como um ambiente de disputas, criando-se polos adversos a partir das inseguranças identitárias da protagonista.

O discurso que se apresenta a partir de um corpo em que se reconhecem as marcas de um híbrido é constantemente um discurso de contradições a caminho de uma harmonização. O hibridismo se manifesta em *Kamala* como uma fala tanto de correção quanto de resistência, o que revela as relações de poder que constituem os sujeitos (FOUCAULT, 2012), além de um discurso condicionado por circunstâncias sociais e históricas que precisam conjugar num mesmo corpo, numa mesma representação midiática, religiosidade, liberdade democrática e integração. A situação no entre-lugar parece, *a priori*, desconfortável, por permitir que os valores periféricos se infiltrem no discurso hegemônico, mas para a perspectiva do pós-colonial, considerando aqui as ideias de Hall (2011b) e Bhabha (2003), é no hibridismo que se estabilizam as políticas do multicultural.

A própria jornada de *Kamala Khan* para se estabelecer como uma super-heroína aparece nas páginas como uma alegoria de sua integração. Todo o processo de receber seus poderes e aprender a lidar com eles, também é um processo de aceitação de sua condição fluida e ambígua.

Para *Kamala*, parece haver uma relação evidente entre etnia dominante e as condições necessárias para se tornar uma super-heroína. O próprio corpo como um incômodo e um sintoma de sua condição confusa de pertencimento aparece sucessivas vezes ao longo de sua jornada de descobertas deste primeiro arco da sua revista, como na fala “as chances de eu me tornar uma super-heroína intergaláctica são ainda menores do que minhas chances de me tornar loira e popular”². Vemos aqui a noção de um corpo diferente como um corpo que precisa de correção, um corpo que funciona à margem, que não está destinado aos papéis de destaque.

É na alucinação, no sonho, no entanto, que *Kamala*, no caminho de harmonizar suas contradições, vê com clareza

sua posição. Nos momentos finais desse sonho, entre as expectativas do Oriente – sua origem, sua família, sua descendência e sua religião – e as expectativas do Ocidente – sua escola, seus amigos e seu contexto –, *Kamala* confessa: “Não sei quem devo ser”³, já que na situação da diáspora e do pós-colonial, as identidades, constantemente em movimento, resistem a definições, resistem a uma noção de sujeito bem acabado e bem resolvido. “Quem você quer ser?”⁴, a *Capitã Marvel* pergunta. A insegurança com seu corpo é o que aparece, então, e *Kamala* admite: “quero ser você”⁵.

Ecoando o paternalismo, a *Capitã Marvel* avisa: “Não vai terminar do jeito que você espera”⁶. Ao acordar com a habilidade de se metamorfosear, não é, portanto, por casualidade irrefletida que *Kamala* se transforma numa versão mais jovem da *Capitã Marvel* (Figura 5). Para ela, inicialmente, as dificuldades de resolução e consenso entre os elementos diversos de sua posição no entre-lugar seriam aqui solucionadas pela mudança drástica nas características de seu corpo, pois, embora nascida nos EUA, como cidadã norte-americana, parece ser na sua cor e nos indícios de sua cultura *outra* que se manifestam de maneira mais concreta sua etnicidade divergente.

3 Tradução nossa para: “I don’t know who I’m supposed to be” (MS. MARVEL #01, 2014).

4 Tradução nossa para: “Who do you want to be” (MS. MARVEL #01, 2014).

5 Tradução nossa para: “I want to be you” (MS. MARVEL #01, 2014).

6 Tradução nossa para: “It is not go to turn out the way you think” (MS. MARVEL #01, 2014).

2 Tradução nossa para: “My chances of becoming an intergalactic super hero are even slimmer than my chances of becoming blond and popular” (MS. MARVEL #01, 2014).

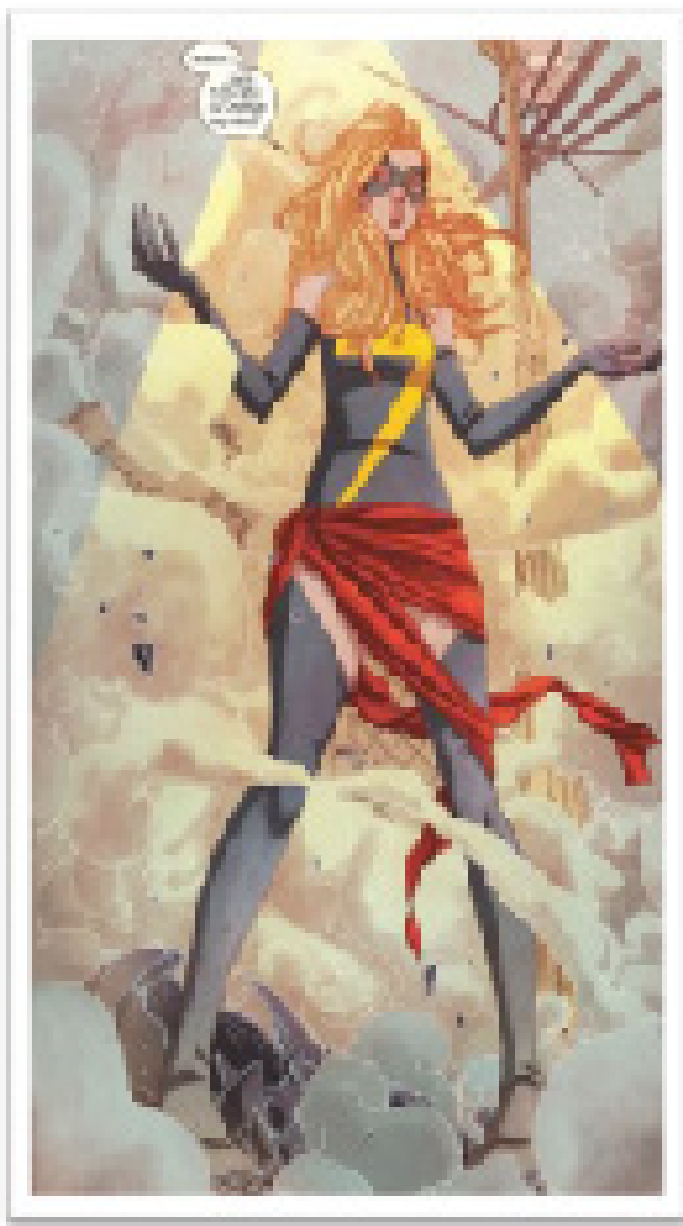


Figura 5: Máscara. Fonte: *Ms. Marvel* #01, 2014, Marvel Comics.

Esse processo rumo a integração que começa pelo disfarce (o primeiro intuito de *Kamala* no caminho de sua aceitação é se pintar de norte-americana), passa em seguida pelo resgate de elementos de sua cultura de origem.

Em alguns recordatórios⁷ da edição #02, a própria *Kamala* assimila e repercute a mensagem nas falas: 1) “Foi o que eu pedi, não é? Então, por que não me sinto forte, confiante e bonita?”⁸ e 2) “Ser outra pessoa não é libertador, mas cansativo”⁹. Para se impor inteiramente como a super-heroína conhecida como *Ms. Marvel*, *Kamala* precisa muito mais que habilidades especiais, precisa, antes, resolver as suas contradições. Ela já recebeu seus superpoderes, mas não a benção de seus ídolos. Eles, tão paternalistas quanto confortáveis em sua condição de hegemônicos, propõem que ela agora faça as pazes com suas origens.

É importante destacar neste ponto quão específico e condizente com sua ambiguidade identitária é o superpoder que *Kamala* adquire. A própria natureza da metamorfose, sua habilidade como super-heroína, de transformar e adequar o corpo, moldar suas características e expressões, possibilita uma carga de significados tanto estruturais quanto dramáticos. Para a trama, permite que o roteiro encaminhe o dilema de intrusão e deslocamento da personagem até a sua condição mais extrema (tornar-se outra pessoa para se sentir segura).

Como condição discursiva, a capacidade de alterar os signos corporais exaustivamente, sem limites ou restrições, para melhor lidar com a fluidez das identidades multiculturais do contemporâneo parece concretizar, na ficção, a dispersão do sujeito pós-colonial, que precisa lidar com as incessantes transições culturais. As expectativas tão múltiplas e, por vezes, incompatíveis e conflituosas, podem, assim, se estabelecer em um único corpo, um corpo mutável e em movimento perpétuo.

7 Nos roteiros de histórias em quadrinhos, os recordatórios são as caixas de texto, similares a legendas, que tem funções variadas dentro da narrativa. Podem indicar uma narração em terceira pessoa ou uma narração introspectiva do próprio personagem em cena. Podem ainda, em sua função de legenda, dar detalhes de localização ou de tempo.

8 Tradução nossa para: “This is what I asked for, right?” (MS. MARVEL #02, 2014).

9 Tradução nossa para: “Being someone else isn’t liberating. It’s exhausting” (MS. MARVEL #02, 2014).

Superada a fase do disfarce e do resgate, cabe a *Kamala* aparar as arestas e harmonizar os elementos, já que é uma árabe limpa, uma muçulmana moderada, que deve consolidar, por fim, a identidade híbrida. Para se caracterizar como uma super-heroína ocidental, *Kamala*, como *Simon Baz* nos quadrinhos do *Lanterna Verde*, deve agregar à bagagem de sua cultura de origem os valores tradicionalmente impostos ao heroísmo no Ocidente. Ela precisa aparecer sim como uma muçulmana, mas como uma muçulmana “limpa” dos estigmas de fundamentalismo e de extremismo associados à sua religião.

Na figura 6, podemos identificar uma conjugação desses diversos valores, quando *Kamala* assume pela primeira vez sua identidade de super-heroína e precisa salvar Zoe Zimmer de um afogamento iminente. Na cena, *Kamala* faz referência ao livro sagrado do islamismo, o Corão, para justificar a honra da atividade heroica, traduzindo, a partir da tradição e da origem, os valores de seu destino, valores hegemônicos e atrelados da cultura da mídia.

É a partir do salvamento de *Zoe Zimmer*, que *Kamala* emerge integrada. Mesmo tendo vindo de fora, de trazer em sua pele os estigmas e signos associados ao terrorismo, quando assimila os valores libertários e democráticos dos EUA e, como super-heroína, os defende, *Kamala* pode ser considerada “uma de nós”, de dentro, heroína virtuosa que personifica também os valores hegemônicos da sociedade em que está inserida.

Ao apresentar uma muçulmana norte-americana mais próxima dos valores ocidentais, *Ms. Marvel* subverte o discurso orientalista ao mesmo tempo em que corresponde aos interesses das hegemonias. Nesse jogo pela manifestação da diferença, o processo político pela negociação de visibilidade não é um acordo de substituição – identidades marginais e hegemônicas trocando de posição –, mas a conquista de espaços de produção por parte da cultura periférica no interior de culturas predominantemente hegemônicas.

Como uma história de origem, este primeiro arco de edições da revista *Ms. Marvel* traz uma narrativa emi-

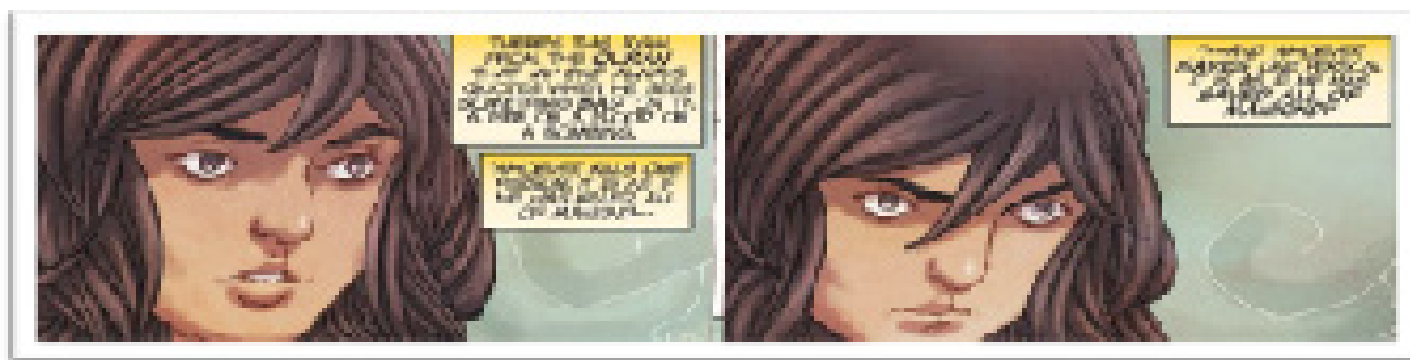


Figura 5: Máscara. Fonte: *Ms. Marvel* #01, 2014, Marvel Comics.

nentemente focada na ideia de identidade. “Quem sou eu?”¹⁰, *Kamala* se pergunta, a princípio como uma adolescente em fase de descoberta, depois, como uma identidade em conflito, fragmentada e híbrida. No processo de entender e conciliar os aspectos mal resolvidos de sua condição cultural ambígua, *Kamala* também quer saber quem *deve* ser, quem *precisa* se tornar. *Ms. Marvel* é, de

fato, uma história de descobertas adolescentes, mas é principalmente uma imagem de transformação, de mudanças nas condições e possibilidades que permitiram uma nova representação da identidade árabe numa mídia tão patentemente norte-americana como as histórias em quadrinhos de super-heróis.

10 Tradução nossa para: “Who Am I?” (MS. MARVEL #04, 2014).

Considerações finais

Considerando que os quadrinhos comerciais procuram, em geral, refletir a mentalidade de sua época e legitimar o *status quo* (VIANA, 2005), entendemos que a humanização do árabe a partir do sofrimento, mostrando o sujeito separado da nação terrorista, marca uma transição nos valores hegemônicos da sociedade norte-americana, sendo possível no contemporâneo entrever um discurso conciliatório entre essas duas identidades nacionais antes tão binariamente opostas.

Com as novas forças políticas, o movimento pelos direitos civis e a exposição do multicultural, a realidade americana passa, hoje, por transformações significativas no que diz respeito a visibilidade das identidades dissidentes. Considerando que a produção midiática é voltada para a obtenção de lucro e, portanto, almeja um público cada vez mais abrangente, o que podemos observar nesse contexto é a busca por um ideal de diversidade.

No centro de nossas análises para identificar o papel da identidade árabe na cultura midiática norte-americana, *Kamala Khan* se destaca pela popularidade comercial de sua revista solo e pela autenticidade de seu discurso em relação ao hibridismo e à integração. Como constatamos a partir da análise de seu arco de origem, essa nova *Ms. Marvel* se estabelece através de estratégias políticas multiculturais, como uma ressignificação da identidade árabe nas produções norte-americanas.

Ao longo de nossa análise, acompanhamos o processo de integração de *Kamala Khan* desde seu pertencimento contraditório, passando por sua insegurança identitária e necessidade de se disfarçar, até o ápice de sua assimilação, quando consegue conjugar e harmonizar em seu corpo etnicamente diverso as expectativas de sua cultura de origem (na história, quase sempre representado pela esfera do privado, pela família e pelos preceitos de sua religião) com os valores hegemônicos do Ocidente, seu local de destino (representados na trama pela esfera pública, pelo sistema de ensino norte-americano, pelos interesses democráticos e libertários e pela moralidade dos super-heróis).

Como forma de cultura dominante, a mídia se vincula às identidades hegemônicas, mas é nas infiltrações da dissidência que o hibridismo atua. Apesar de regulados por padrões

de dominação, os espaços conquistados pela diferença se sobressaem no contemporâneo. Já que não nos cabe pensar em binarismos, num contexto tão disperso e fragmentado quanto o pós-colonial, são mesmo essas estratégias de infiltração, que procuram harmonizar as diversidades ao invés de substituir um modelo dominante por um marginal, que se sobressaem no contemporâneo, é uma guerra por posições culturais, como aponta Hall (2011b).

Nesse sentido, embora afirmemos, a partir das análises que a construção de *Kamala Khan* como personagem árabe ainda se vincula a certos aspectos menos palpáveis e menos evidentes do Orientalismo (SAID, 2003), devemos destacar também os diversos pontos em que essa representação rompe com o discurso orientalista.

Para se enquadrar como super-heroína, *Kamala* precisa se associar a muitos dos valores norte-americanos e a moralidade ocidental, mas também pudemos identificar na sua constituição como personagem uma outra forma de representar a mulher do mundo árabe, rompendo com a fobia e com o fetiche ao considerar as identidades dessas mulheres para além de sua religião, recorrendo às suas subjetividades e especificidades como sujeito ao invés de promover uma representação segundo os preceitos de uma religião. *Kamala* não se enquadra no fetiche das dançarinas do ventre, pois não se caracteriza como uma super-heroína sexualizada, nem tão pouco se enquadra no ideal da mulher recatada, coberta de corpo inteira por uma burca.

Considerando o discurso como uma construção histórica, cultural e social, defendemos que sua formação deve sempre ser percebida dentro de um contexto, dentro de circunstâncias temporais específicas. Com efeito, *Kamala* é uma personagem publicada a partir de 2014, posicionada durante o que descrevemos aqui como um momento de integração e defesa dos valores ditos democráticos tão caros a constituição dos EUA como nação. Nesse momento de integração, relacionado por possibilidades e condições ao posicionamento público do presidente norte-americano da época, Barack Obama, a representação de uma super-heroína de ascendência muçulmana (mesmo com todas as suas concessões para se infiltrar na cultura ocidental) aparece afinada com os interesses hegemônicos, ao mesmo tempo que constitui-se como uma representação *outra*, o que reforça a história como um campo de disputas e conflitos.

Referências

BHABHA, H. K. (2003). **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ESCOSTEGUY, A. C. D. (2001). **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica.

FOUCAULT, M. (2013). **A arqueologia do saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, M. (2012). **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.

FOUCAULT, M. (2011). **A ordem do discurso**. 21ed. São Paulo: Loyola.

HALL, S. (2011a). **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HALL, S. (2011b). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Edição Atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG.

KELLNER, D. (2001). **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC.

MS. MARVEL #01. (2014-2015). New York: Marvel Comics. Mensal.

MS. MARVEL #02. (2014-2015). New York: Marvel Comics. Mensal.

MS. MARVEL #03. (2014-2015). New York: Marvel Comics. Mensal.

MS. MARVEL #04. (2014-2015). New York: Marvel Comics. Mensal.

MS. MARVEL #05. (2014-2015). New York: Marvel Comics. Mensal.

SAID, E. W. (2003). **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso.

VIANA, N. (2011). Breve história dos super-heróis. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (Org.). **Super-heróis, cultura e sociedade**. São Paulo: Editora Idéias e Letras.

VIANA, N. (2005). **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé.